

a maldição
das pedras negras
marcos d. mateus

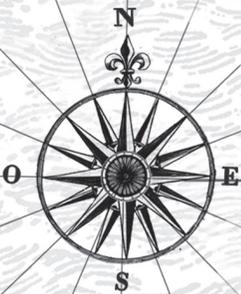
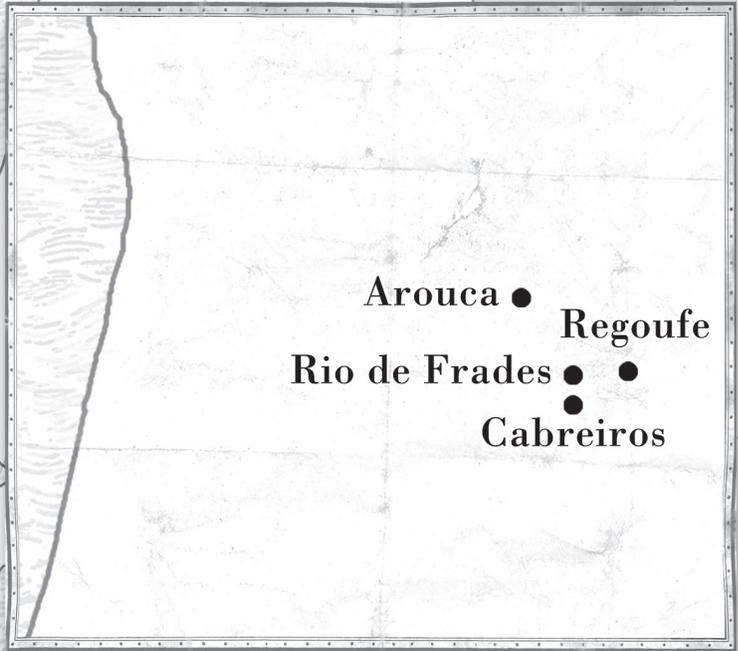


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Aos meus avós,
Custódio do Aido e Maria do Pedro,
por me deixarem uma herança de histórias*

LOCAIS
DA
NARRATIVA

Arouca ●



CRONOLOGIA

— 1941 —

Dezembro | Entrada dos Estados Unidos da América na guerra. Redução drástica dos contactos comerciais da Alemanha com as Américas (Central e do Sul) e a Ásia. Os jazigos de volfrâmio na Europa, a maior parte deles em Portugal e na Espanha, adquirem uma importância decisiva para o Terceiro *Reich*.

— 1942 —

Janeiro | O Estado Novo e o Terceiro *Reich* assinam acordo, definindo as quantidades de volfrâmio a exportar, as «explorações livres» e as minas controladas pelos países beligerantes, assim como a percentagem de «minérios livres» a entregar a cada lado da guerra.

Março | A interrupção do fornecimento de volfrâmio proveniente do Oriente à Alemanha sujeita Portugal a pressões externas que visam o controlo do comércio do volfrâmio português.

Julho | A Alemanha dá início ao gaseamento sistemático de judeus em Auschwitz.

Agosto | Acordo entre a Inglaterra, os Estados Unidos da América e Portugal, celebrado entre Oliveira Salazar e o embaixador da Grã-Bretanha, Ronald H. Campbell. Portugal compromete-se a reprimir a compra ilegal de volfrâmio e o seu contrabando.

Novembro | Após a derrota em El Alamein, o general Rommel e o seu *Afrika Korps* iniciam uma retirada para ocidente. Portugal celebra o Acordo de Fornecimento e Compra e o Acordo Comercial de Guerra com os Aliados.

— 1943 —

Fevereiro | Fim da Batalha de Estalinegrado com a rendição do marechal-de-campo Friedrich Paulus e do 6.º Exército alemão aos Soviéticos.

No seguimento, os Soviéticos recuperam Kursk, Rostov e Kharkiv. É nesta sequência de derrotas que o ministro alemão da Propaganda, Joseph Goebbels, convoca os alemães para a guerra total com o seu discurso no *Sportpalast* em Berlim.

Abril | Um último acordo é assinado por Oliveira Salazar e pelo embaixador alemão, Oswald Hoyningen-Huene, desde logo comprometido pela dificuldade de a Alemanha dispensar materiais essenciais ao esforço de guerra e, do lado português, pela escassez de minério, pela pressão dos Aliados e pelo contrabando.

Maio | Rendição das forças do Eixo em África e retirada definitiva do Norte do continente.

Julho | Os Aliados invadem a Sicília. Os alemães, em desespero, tentam travar o contra-ataque russo na frente leste. O ditador fascista Benito Mussolini é deposto da liderança do país e preso.

Outubro | Churchill comunica ao embaixador português em Londres que «acha muito bem» a continuação da venda de volfrâmio aos alemães, «para os manter entretidos».

— 1944 —

Janeiro | Os Aliados intensificam as manobras estratégicas para interromper as linhas de fornecimento de matérias-primas à Alemanha. O embaixador Campbell encontra-se com Salazar para reafirmar a importância do corte de metais à Alemanha. Portugal é então a única fonte das importações alemãs de volfrâmio.

Fevereiro | Não são alcançados os valores previstos de venda de minério aos alemães (*deficit* de 550 toneladas).

Março | Churchill escreve a Salazar a solicitar o fim das exportações de volfrâmio, salientando que o metal negro contribui para matar soldados britânicos.

Julho | O *Diário do Governo* decreta o encerramento geral das minas de volfrâmio e o fim das exportações. O Decreto-Lei n.º 33 707 impõe a suspensão das actividades em torno dos minérios de volfrâmio, uma medida anunciada como prova de fidelidade à aliança com a Inglaterra. O contrabando para a Alemanha continua, ainda assim.

Agosto | Libertação do Sul de França pelos Aliados, seguida do encerramento

da fronteira dos Pirenéus. O bloqueio à Alemanha é total e terminam as comunicações germano-ibéricas. Acaba finalmente a venda de minério aos alemães.

— 1945 —

Janeiro | Portugal e os Aliados assinam um novo Acordo de Fornecimento e Compra.

Abril | Fim dos ditadores. Mussolini é fuzilado a tiro de metralhadora à entrada de Villa Belmonte; Hitler suicida-se no *bunker* da Chancelaria em Berlim.

Maio | Termina a guerra na Europa após a rendição dos alemães.

Agosto | As cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui são destruídas por bombas nucleares, resultando na morte de 355 000 pessoas.

Setembro | A rendição formal do Japão põe fim à Segunda Guerra Mundial.

PRÓLOGO

Havia qualquer coisa na espuma enegrecida que se formava sob a amálgama de material fundido, algo que consumia o estanho extraído às rochas onde se incrustava. Em 1546, o mineralogista alemão Georgius Agricola descreveu este desconcertante fenómeno, afirmando que a espuma devorava o estanho, como um lobo devora as ovelhas. Deu-lhe por isso o nome latino *lupi spuma* («espuma de lobo»), que acabaria mais tarde por ser traduzido para o alemão como *wolfrahm*, dando origem ao termo pelo qual a substância ficaria conhecida: *wolfram*.

A volframite, composta por volfrâmio, ferro e manganês, foi assim identificada, mas o volfrâmio só seria descoberto como elemento em 1779, pelo químico inglês Peter Woulfe. Por essa altura, pouco se sabia sobre este enigmático elemento, também conhecido como tungsténio, nome de etimologia sueca cujo significado atesta uma das suas mais conspícuas características: «pedra pesada» (*tung sten*). Com o passar do tempo, descobriu-se que tem uma densidade muito superior à do chumbo, e quase igual à do ouro, além de ser um metal raro com a particularidade de ter o mais elevado ponto de fusão entre todos os metais. O seu verdadeiro poder, contudo, só mais tarde se revelou, ao ser adicionado a outros elementos e dar origem a ligas metálicas de dureza inigualável. Não tardou, portanto, até o volfrâmio ser um metal essencial no fabrico de armamento e um dos mais cobiçados pela indústria da morte, tal como veio a acontecer na alvorada da Segunda Guerra Mundial, quando a sua procura disparou, tornando-o tão valioso quanto o ouro.

Foi nesta busca desesperada que Portugal, país neutro e esquecido na orla ocidental do Velho Continente, acabou por desempenhar um papel insólito e fulcral nos destinos do conflito, ao tornar-se a única fonte de volfrâmio para a Alemanha nazi, vendendo-o simultaneamente aos ingleses. Este jogo duplo, cheio de segredos e estratégias à escala internacional, originou uma singularidade nesses tempos conturbados — um lugar onde ingleses e alemães se cruzavam sem a animosidade bélica dos palcos da guerra, frequentando os mesmos cafés e bordéis, e até cooperando na construção de uma estrada para acesso aos seus coutos mineiros de volfrâmio, que distavam poucos quilómetros entre si nas serras perto de Arouca, no Norte do país.

No entanto, debaixo de uma superfície calma de tolerância, os beligerantes lutavam sem armas pelo minério, recorrendo ao roubo, ao contrabando e a um sem-número de investidas diplomáticas junto do Governo português. Nesta batalha, onde se derramava sangue lusitano, eram os alemães que mais tinham a perder, chegando por isso a pagar somas astronómicas por cada quilo de minério, dando muito dinheiro a ganhar a quem depois não o conseguia manter nos bolsos. Surgiu assim a febre do volfrâmio, uma vertiginosa época de extravagâncias, de exageros de toda a natureza, de fatura balofa que se esgotou numa miséria absoluta.

O volfrâmio devastou impérios e fez cair os seus ditadores, num caminho de destruição que amaldiçoou quem quer que dele se tenha aproximado. A neutralidade manteve Portugal longe da guerra, mas não teve igual efeito em manter a guerra longe de Portugal — o mesmo metal que levou a desgraça aos teatros do conflito semeou-a em abundância por todo o lado.

Pouco resta agora dos pólos mineiros dos alemães, no vale encaixado de Rio de Frades; ou dos ingleses, no alto da serra em Regoufe. Quem por lá passa, ouvindo apenas o rugir do rio no fundo do vale e o assobiar do vento no alto da serra, não consegue imaginar a azáfama que ali se viveu, a quietude e desolação escondendo um passado de histórias de ódio e covardia, de traição e engano, de riquezas efémeras e pobreza perpétua, e sobretudo de tragédia.

São essas as histórias que este livro conta, aqui chegadas na forma de ecos do passado, guardados no pequeno cofre vermelho dos meus avós, que viveram muitas delas com as suas gentes nos mais conturbados anos da guerra. Mas são também relatos de amizades singulares e amores improváveis, de coragem desmedida e resoluções astutas, de fé inabalável e expiação. Uma e outras tecem a memória de um povo ignorado que, no meio do caos de uma guerra que se lutava longe, acabou por forjar a vitória final dos Aliados.

O volfrâmio devorou vidas como um lobo devora as ovelhas, mas não consumirá também o seu espírito, condenando-o ao esquecimento. Quis o destino que o passado não ficasse eternamente preso num invólucro metálico comido pela ferrugem, ou que as suas recordações acabassem perdidas pelas serras, fragmentadas e dispersas, como o pó de todos os que nelas viveram.

— 1941 —

A PRIMEIRA MORTE

Cabrões dos nazis! — grunhiu Custódio, tal era a cólera que lhe ardia no peito.

— Tem calma, pá, olha que o padre ainda te dá um berro — advertiu-o num sussurro o seu irmão Manuel. — Deixa-o acabar o enterro.

— Cabrões... — repetiu inconformado, com uma expressão de fúria que o entardecer invernosol lhe congelara no rosto.

Nos derradeiros instantes de uma última despedida, momentos antes de voltar à terra o que da terra veio, e ao pó o que outrora foi pó, as nuvens rasgaram-se e abriram o céu, revelando o Sol imediatamente antes de este mergulhar na crista das serras. Por breves instantes, a luz morna do fim de tarde banhava tudo a ouro.

Com o coração ao alto e o olhar em baixo, os presentes fizeram o sinal da cruz em resposta às últimas palavras do padre, e o corpo desceu à terra enquanto o Sol se apagava no horizonte. O solo, atirado para a cova às pazadas, foi-se amontoando até esconder o tosco caixão de pinho. Só então as nuvens se fecharam, ocultando a luz acima de si.

A aragem gélida dos últimos dias de Novembro invadia as aldeias, anunciando uma mudança de tempo. Aprisionadas em corpos esfriados, as almas foram, aos poucos, abandonando o cemitério, impelidas ao recolher pela noite que se abeirava. Os de Candal e de Tebilhão, duas aldeias opostas e equidistantes, para lá seguiram à pressa, rumando os de Cabreiros vagarosamente até às suas casas dispersas encosta abaixo. Uns e outros comungavam do ódio aos alemães. Questionavam os propósitos da vida, os desígnios da sorte e a justiça divina, pensando se tal coisa, de facto, existiria.

— Cabrões dos nazis! — rosou de novo Custódio para o irmão.

— Esquece lá isso agora, rapaz, já sabes como são estas coisas.

— Pois sei... se fosse comigo, ia lá hoje mesmo e dava cabo deles à pancada.

— E que resolvias tu com isso? O tempo andava para trás? Temos de ter calma, Custódio. Todos estimávamos a Mafalda, mas não havia nada a fazer.

Manuel colocou então a mão no ombro do irmão para o sossegar. Com

quase mais dez anos do que Custódio, tinha já vivido o suficiente para saber amansar as inclinações mais hostis, suas e dos seus quatro irmãos: José, António, David e Custódio. Juntos, foram os últimos a abandonar o cemitério, uma pequena parcela de solo murada no cimo da aldeia de Cabreiros, lugar ancestral na orla do concelho de Arouca. Ao atravessar os portões enferrujados que guardavam aquele lugar sagrado, Custódio deixou o olhar vaguear pelas casas e leiras, pelos campos e muros que definiam os limites da aldeia, só partindo depois de mirar uma última vez a terra revolvida e as poucas flores no chão ao lado da campã.

O luto da noite chegou na forma de um manto escuro que depressa se estendeu pela serra. Era tempo de os irmãos regressarem à taberna no piso térreo da casa do pai, frequentada dia e noite por aqueles que incessantemente subiam e desciam as serras na senda do minério. Custódio, o mais novo dos irmãos, era também o mais hábil mercante dos cinco e o mais activo no negócio da família. Conseguira transformar um tasco onde se matava a sede e se mordiam uns nacos de broa e chispe numa loja que vendia arroz, farinha, massa, sabão e outros bens essenciais — embora escassos —, mas onde também não faltavam mercadorias requintadas para as gentes das serras, tais como azeite, açúcar, café, bacalhau, biscoitos e até chocolate. Tinha um jeito inato para o comércio e sabia lidar com a horda de arruaceiros que compunham a clientela, e cuja existência gravitava em torno do negócio e contrabando de volfrâmio. Era um trabalho árduo, mas Custódio nascera talhado para as suas exigências.

Ao chegarem à taberna, já noite cerrada, subia do fundo da rua um ruído de chocalhos que Custódio bem conhecia. Apesar de o seu olhar não conseguir penetrar a escuridão densa, não tardou a vislumbrar os vultos cambaleantes que, aos poucos, iam ganhando forma. Eram as vacas ruivas de Maria, que com ela vinham da sua deambulação diária pelas serras à procura de pasto. Juntas, saíam de casa todos os dias ainda o Sol não tinha acordado, e voltavam já ele dormia.

Custódio e Maria viviam em casas contíguas na rua principal de Cabreiros, num troço ladeado por casas rústicas no final do trilho ondulante que atravessava a aldeia, vindo do alto da serra e seguindo por ela abaixo. A família de Custódio, conhecida por aquelas bandas como «os do Aido», tinha as suas origens em Candal e na Arada. Fora Domingos Duarte do Aido, seu pai, a escolher aquela rua para viver, por ser uma artéria onde circulavam os que pela serra andavam à procura do metal negro. Custódio e David, ambos solteiros e sem filhos, viviam com ele. Logo abaixo na rua, estava a casa da família de Maria, originária de Cabreiros e

Tebilhão, conhecida nas aldeias como «os do Pedro». O seu patriarca, José Alves do Pedro, desde sempre vivera naquela ruela, tal como, antes dele, a família do lado do pai.

Custódio e Maria conheciam-se desde crianças. Partilhavam uma cumplicidade que continuamente esbarrava nos preceitos sociais que o pai de Maria fazia questão de impor. Naquele início de noite, no entanto, apenas trocaram um cumprimento de circunstância e, ao contrário do habitual, Maria fê-lo de cabeça baixa, escondendo os olhos cansados de passar o dia a chorar a morte de uma amiga. Chorara de dor, pela sua perda, e de raiva por não ter a permissão do pai para ir ao funeral, sob pretexto de o gado não poder ficar um dia inteiro à fome fechado no curral.

Sem se deter, Maria seguiu rumo ao grande portão de madeira que dava para o aprisco debaixo da sua casa, mas, antes de o atravessar, sentiu algo pairar no ar em redor. Eram pequenas cintilações que vacilavam incertas, acariciadas pela tristeza da brisa fria. Quando uma lhe pousou no braço, viu um minúsculo cristal contra o fundo negro do xaile.

— Neve... — murmurou.

— Vamos para junto do fogo comer qualquer coisa quente — disse Custódio, ajudando-a a entrar com as vacas.

Cumprindo um velho hábito, nessa noite as duas famílias iriam cear na casa «dos do Pedro», onde por norma só faltava Domingos do Aido, pois raramente abandonava a taberna na casa ao lado. Custódio foi o primeiro «dos do Aido» a chegar e, assim que cruzou a ombreira da porta, foi recebido por José Alves do Pedro, que lhe ofereceu uma malga de tinto, querendo dele fazer um homem que pudesse ambicionar a mão da filha. Enquanto isso, numa grande panela escura ao lume, a sua esposa, Laura Tavares, engrossava uma mistura fervente feita de farinha de milho, adicionada aos poucos a um caldo de cozido de porco e legumes, previamente enriquecido com estrugido de banha e cebola picada.

A casa sempre enchia quando as famílias se reuniam. Aos filhos e filhas de José Alves do Pedro, juntavam-se os filhos de Domingos do Aido e os seus netos. Ouviam-se gargalhadas, cantorias e conversas animadas que se estendiam pela noite, fosse Inverno ou Verão. Mas o ambiente soturno daquele dia impunha uma espécie de silêncio que nem a algazarra dos mais pequenos era capaz de contrariar. A ceia foi, por isso, breve e sem muita conversa. Era assim na casa «dos do Pedro» e em todas as outras de Cabreiros, por onde um remoinho de sentimentos agitava a alma do povo.

Com a ceia terminada, todos se reuniram em volta do fogo para saborear o café, bebido lentamente para prolongar o que era um luxo por aquelas

paragens. Para os mais rijos, seguiu-se então a aguardente com mel, que, entre outros efeitos, entorpecia a mente e sossegava o espírito.

— Cabrões... — soltou Custódio uma vez mais. A sua alma revoltada era um animal selvagem, impossível de domar.

— Não fiques assim, o povo daqui tem de trabalhar para eles — observou David, resignado com a situação.

— Nós trabalhamos para nós!

— Esquece isso — insistiu o irmão.

Mas Custódio não conseguia esquecer.

— Tu sabes como são estas coisas, Custódio — disse-lhe o irmão António. — O médico não podia sair de lá por causa do pessoal que anda nas minas. Há acidentes a toda a hora.

— O médico queria dinheiro! — interrompeu-o Custódio bruscamente. — Ou então não estava para perder tempo. Devia ter planos para ir a Arouca às pu... — Custódio deteve-se, ao notar que todos o ouviam. — A um bordel. Lá quis saber se estava alguém a morrer. Os alemães não querem saber de nós. Somos animais de carga e ratos que entram pelos buracos do chão para andar ao volfrâmio.

Um silêncio de morte assaltou a divisão uma vez mais, sendo apenas interrompido pelo crepitar do lume e pelo esporádico som das botas dos mineiros contra as pedras, lá fora na rua. O desfecho de Mafalda era só mais uma crua recordação da dureza da vida nas serras. Em Cabreiros, ninguém lhe poderia valer, e nem mesmo a mais experiente parteira teria dado conta do seu problema. A única ajuda estava a poucos quilómetros no fundo do vale, em Rio de Frades, no posto médico da Companhia Mineira dos alemães. Em vão, o marido da pobre rapariga descera a serra a cavalo para lá procurar auxílio, mas a ajuda nunca chegou, e Mafalda acabou por morrer desamparada na aldeia, a dar à luz o seu primogénito.

Os contornos da tragédia infligiam em Custódio uma dor que mais ninguém sentia. A sua mãe, Custódia, tal como Mafalda, pagara com a vida a vinda de um filho ao mundo. Custódio carregava continuamente essa lembrança no nome que dela herdara, uma ferida aberta que facilmente sangrava, apesar dos quase vinte anos decorridos.

— Pobre Mafalda. Que Deus lhe dê melhor sorte agora. — O lamento de Maria quebrou o silêncio.

— E que Deus dê também melhor sorte ao marido, que ficou cá sozinho com um filho acabado de nascer — acrescentou a sua mãe.

— Sorte é coisa que ela nunca teve... — interpelou José Alves do Pedro. De pé ao lado da lareira, com os olhos a dançar ao sabor das chamas

ondulantes, o patriarca parecia hipnotizado, perdido em algum tempo ou lugar longínquo.

— Pobre menina do cesto... — fugiu-lhe o pensamento num suspiro, atraindo imediatamente a atenção de todos.

— A menina do cesto era a Mafalda? — perguntou David, intrigado.

— Sim... Às vezes, dizia-lhe «ó do cesto», sem querer saber se isso a afligia.

As palavras de José Alves do Pedro carregavam arrependimento. O que tantas vezes dissera de forma banal, a uma menina pouco mais velha do que a sua filha Maria, soava agora a injúria. Mas era tarde demais para remediar o dano.

— Porque é que ela era «a do cesto»? — perguntou Custódia, irmã mais nova de Maria, que ainda mal sabia o que eram memórias.

Na ânsia de ouvir José Alves do Pedro contar uma das suas histórias, ninguém falou por momentos, permitindo que o silêncio se voltasse a instalar.

Como tantos relatos das serras, o da menina do cesto tinha-se fragmentado, e os seus contornos haviam sido desgastados pelo tempo. Todos conheciam a história pelo nome, mas só José Alves do Pedro a sabia contar. Este, ao perceber que tinha a atenção de todos, estendeu a mão para apanhar alguma lenha, e com ela alimentou o fogo que lutava por afugentar o ar frio da casa. Depois, ficou a olhar demoradamente pela janela, contemplando a neve que caía e cobria os telhados das casas. Só quando sentiu a impaciência na sua plateia é que, por fim, quebrou a posse estática.

Os contos nunca deixavam de ser uma boa maneira de passar o tempo e iludir a exasperante monotonia dos serões. Eram histórias que faziam parte da memória colectiva das gentes das serras, fossem elas sobre demónios, tesouros perdidos ou infortúnios amorosos. Corriam na imaginação das pessoas, como o sangue lhes corria no corpo. Contá-las e ouvi-las mantinha viva a memória dos tempos idos, fazendo-a atravessar gerações. Fora assim desde sempre, mas em nenhum sítio das serras estes contos eram mais verdadeiros do que na casa «dos do Pedro», onde se sabia existir um encantamento ensinado a José Alves do Pedro pelo seu bisavô Heitor Alves, que, a dada altura da vida, aprendera de uma bruxa um conjuro para evocar o antigo e fazê-lo acontecer de novo. Para tal, José Alves do Pedro atirava ao lume uma mistura de ervas secas que só ele conhecia, enquanto balbuciava uma reza secreta. Iniciava assim uma excursão, de onde só se regressava com o abrir de uma janela, por onde o passado fugia e o ar fresco do presente se deixava entrar.

Assim o fez: tirou um feixe ressequido de ervas da pequena arca que tinha ao lado da lareira, arremessou-o para o fogo e sussurrou a ladainha

oculta ensinada pelo bisavô. De seguida, deixou a mente divagar pelos trilhos das serras em busca dos eventos acontecidos, que, suspensos onde o tempo nunca passa, se repetem nas memórias. Enquanto isso, a combustão da mistura foi libertando um fumo ténue que lentamente invadiu a sala. Ao inalar essa essência de tempos distantes, e sob o embalo dos estalidos das brasas, foram todos ao encontro da história evocada, enquanto passado e presente se fundiam.

Na oscilação suave da corrente de fumo que deslizava pelo vazio, o movimento do Universo desacelerou aos poucos, até se imobilizar. Por instantes, a neve ficou suspensa no ar, o pêndulo do relógio de parede a meio do seu percurso descendente, e o tempo começou a andar para trás, pelo caminho da imaginação.

E o que foi, assim, voltou a ser uma vez mais.

O REZADOR

O Diabo, que andava de cá para lá por toda a terra, instigando e fustigando fiéis e infiéis, lançando a contenda entre irmãos e confusão entre todos, havia sido atraído para o centro do Universo, que, a dada altura, estava em Cabreiros e suas cercanias serranas. Por lá, fazia o seu trabalho de fomentar a revolta dos homens contra Deus, amedrontando as gentes e subjugando-lhes o espírito.

Sabia-se que fazia morada na casa de Piedade, uma tola da aldeia, desamparada pelo marido que lutava pela vida no Brasil com dois dos filhos. Diziam as más-línguas que o marido fugira por já não ter pachorra para a aturar, deixando-lhe o filho mais moço para cuidar dos animais. Errante nas falas e atitudes, perdera o tino pela demência que corria no sangue da família paterna.

— Ai... Ai... Que o Diabo anda em minha casa! — dizia a pobre mulher, procurando auxílio para expulsar o maligno da habitação.

Desde os meninos, que na sua inocência sentiam o mal ao longe, até ao padre, instruído nas táticas do inimigo, ninguém duvidava da mulher, embora todos soubessem que não era afinada do pensamento. A sua má sorte era comentada por todo o lado: em surdina, na intimidade dos aposentos; em alta voz, pelos tascos das aldeias; com reverência, no átrio da igreja; e em temor nos quelhos isolados e lugares assombrados das serras.

O que quer que fosse que a molestava, o próprio Satanás ou um dos seus funestos lacaios, a mulher andava fora de si, amedrontada e perturbada. O padre da aldeia, homem rijo e afamado por resistir a tudo menos às tentações, nada podia fazer cada vez que a mulher a ele se agarrava em pedidos de auxílio. Embora um oponente do outro mundo não o assustasse, confiando no nome do Senhor e no poder da Santíssima Trindade, ficava consumido de luxúria ao sentir o porte voluptuoso roçar-lhe a batina, e fugia dizendo não ter aprendido exorcismos no seminário.

Algumas bruxas da Colheira e de Candal foram também convocadas para tentar afastar o infame hospedeiro daquela casa. Bem se esforçaram, mas faltou força aos seus feitiços contra aquele agente do mal. O mesmo aconteceu às suas poções, feitas com terra esgravatada durante a noite no

cemitério de Cabreiros, misturada com migalhas roubadas do sacrário da capela. Como nenhum esconjuro parecia resultar, as gentes concluíram não haver nas serras poder igual ou maior ao que ali se alojara. E assim, a conselho dos mais entendedores do povo, o regedor da aldeia mandou chamar o Rezador da Murtosa, homem de fama estabelecida no trato dos maus agouros. Diziam até que tratava o Diabo por tu, de tantas vezes que com ele se cruzara nesses rituais. A sua reputação era conhecida, tal como os seus métodos, tão discutíveis quanto eficazes.

De longe, veio então o exorcista experimentado, com provas dadas nas artes mágicas do esconjuro e um vasto historial de vitórias contra as forças malignas. Munido do ancestral ofício dos bruxos, chegou a Cabreiros não muito tempo depois, onde mais um duelo do outro mundo o aguardava. Foi no final de uma tarde de um vento intempestivo que entrou na aldeia, caminhando depressa como se fugisse de alguém, vestido de escuro e trazendo consigo uma mala preta de pele desgastada. Era alto e magro, de olhar inquieto e distante. A luz do dia, que rapidamente se ia apagando, fazia dele um vulto de contornos sinistros.

Dirigiu-se ao primeiro tasco que lhe apareceu pela frente, onde buscou indicações sobre a casa assombrada. O Rezador trazia consigo os odores da morte, como um cangalheiro. A sua presença incomodava; arrefecia o ar e abafava as luzes. Até os tragos de bagaço perdiam vigor na presença de tal figura, parecendo nada mais do que água da fonte. Sabendo quem ele era, ninguém se atreveu a falar, receando levar com um mau-olhado. Somente o dono do tasco abriu a boca para lhe dar parcas orientações.

Escondido pela sombra da noite, o Rezador seguiu para a morada amaldiçoada de onde tencionava expulsar o nefasto inquieto. Sem perder tempo, bateu à porta assim que lá chegou e fez-se apresentar mal esta se abriu. No interior, era esperado por Piedade, pela sua mãe, pela tia do lado do pai, pelo filho, pelo regedor da aldeia e pelo Diabo. Depois de acertar o preço do trabalho, entregou-se a uma morosa análise da casa e da sua dona, ao som de uma reza imperceptível, por entre gestos esquisitos e tiques beatos.

Por fim, lá fez o diagnóstico:

— O mal está aqui! — vaticinou sem hesitação. — E é o próprio Belzebu!
— acrescentou.

Não era a primeira vez que tal augúrio era proferido, mas, na boca do bruxo, a coisa parecia mais séria e temível.

— E tem solução? — perguntou Donzília do Albino, tia de Piedade, uma velha acostumada a todo o tipo de pragas.

— Com certeza! — devolveu bruscamente o Rezador. — Mas é um caso difícil.

Para o Rezador, homem experimentado nas lides que fogem às leis naturais, tudo tinha solução, desde que o serviço fosse pago e nenhum milagre necessário. Só precisava de tempo para exorcizar devidamente o lugar, mas sobretudo a sua moradora, pois bem sabia que a origem dos males numa casa estava quase sempre nos seus donos.

— Tenho de ficar a sós com a mulher para exorcizar o Demo — proferiu com entoação de ordem, esboçando ao mesmo tempo um movimento nervoso com os dedos esguios, a apontarem na direcção da porta.

De seguida, consumido por qualquer coisa que lhe ardia no peito, expulsou os presentes sem pudor e deu de imediato início à sua batalha espiritual, ansioso e inquieto, tal como o padre ficava a cada vez que Piedade dele se acercava. O Diabo dava luta, pensaram os que estavam fora daquele inferno, ao ouvirem a mistura de grunhidos, gemidos, gritos abafados e suspiros que logo se seguiu.

O Rezador tomou o seu tempo, certificando-se de que o trabalho ficava bem feito, e só deixou o campo de batalha depois de o Diabo sair da casa. Quando tudo terminou, estava mais calmo e calado. Parecia cansado, quase exausto, mas satisfeito com o exorcismo e com a paga pelo seu ofício. Aliviado, partiu para a sua terra, de novo escondido na solidão da noite, orgulhoso de ter subjugado o maligno uma vez mais, mas levando também um estranho pressentimento de que um dia ali voltaria.

Deixou para trás a memória de uma rixa sobrenatural, mas também a semente do seu dom.

A MENINA DO CESTO

O tempo passou, mas não a doidice de Piedade. Entregue à laboriosa penitência da vida nas serras, o povo foi esquecendo a escaramuça mística, e a sua memória só não se extinguiu porque a tia de Piedade, não menos maluca do que ela, teve um vislumbre do duradouro resultado do trabalho do bruxo. Bastou-lhe um par de meses para perceber que o seu esconjuro havia expulsado o Diabo, mas deixado algo em seu lugar. Piedade estava prenha. Apesar de tola, Donzília do Albino soube de imediato que teria de proteger a sobrinha da vergonha daquele embaraço, ajudando-a a fazer uma vida tão normal quanto a sua doideira lhe permitia, mantendo em segredo a barriga que inchava.

Ninguém deu por nada, e nem mesmo a sua mãe, Clementina Imaculada, se apercebeu das transformações no seu corpo. O filho, Armando do João, que de Piedade não herdara a loucura, nunca tomou sequer sentido do que se ia passando. Toda a sua atenção estava no gado, o bem mais precioso da família. O rapaz não tinha assim tempo para desperdiçar com o Diabo, ou com qualquer outro delírio da mãe. Há muito que deixara de implorar a Deus Nosso Senhor que lhe desse juízo. Percebera, na sua simplicidade, que tal dom não lhe estava destinado, e por isso apenas pedia paciência para a suportar, e força para cuidar dos seus bichos.

Como se não bastasse o enxovalho da loucura, Piedade arriscava-se a ter o nome manchado pelo adultério. Podia ser tola, mas não uma rameira. Como tal, cismou semanas a fio em como se livrar daquele estorvo. Receava, mais do que tudo, que a maldita fama viajasse até ao outro lado do mar, para segredar aquela indecência aos ouvidos da sua família, que por lá continuava alheia a todos os males que o Diabo lhe trouxera.

Nos meses que se seguiram, Piedade teve como único cuidado esconder a pança avolumada, e como única preocupação o destino a dar à criança, assim que ela estivesse cá fora. Certo dia, num devaneio cruel, decidiu livrar-se dela afogando-a no rio, ou atirando-a de um penedo, escolhendo assim viver com a culpa de tirar uma vida, em lugar do vexame que passaria se a poupasse. Por mais que pensasse, contudo, não se decidia sobre a sorte da criança. Assim se passou, até ao dia em que, no meio da lavoura, foi acometida de

uma dor no ventre. Eram os primeiros avisos de que a criança estava a caminho. Piedade não fez caso e retomou o trabalho, mas logo uma nova dor, breve e intensa, se seguiu.

Vem aí!, pensou assustada, ao tomar sentido das coisas. Em pânico, largou tudo e correu ao encontro da tia, que em casa preparava o almoço. O curto percurso até lá foi uma verdadeira via dolorosa, tal era o peso da barriga e o intermitente aperto das dores. Ainda assim, manteve a compostura para não atrair atenções indesejadas, arrastando-se pela aldeia, parando aqui e ali para respirar e aguardar a folga das dores. Aflita, fez a porta de casa da tia saltar dos gonzos, com a pujança do pontapé que lhe deu. O estrondo foi tanto que Donzília do Albino, velha e meio surda, ia morrendo ali mesmo de susto.

— É agora! É agora! — gritou Piedade em agonia, enquanto se despia à pressa.

— É agora o quê?! — questionou a velha, apalermada.

— Vai nascer!

Anciã das serras, a velha sabia o que fazer; acudira a mais partos do que tinha anos de vida. Num impulso, começou a andar de um lado para outro numa espécie de dança bem ensaiada, aprontando-se para ajudar a sobrinha a parir a vida que, a contragosto, havia carregado por tantos meses. Os minutos demoraram-se; pareciam querer alongar o sofrimento de Piedade, fazendo-a procurar alívio em gritos abafados até conseguir, a muito custo, oferecer ao mundo a criança indesejada.

— É menina — disse a tia sem pingo de emoção, como se de um bezerro se tratasse.

— Não quero saber. Vá deixá-la na serra para ser comida pelos lobos — bradou Piedade, embriagada na libertação da tortura.

Igualmente determinada em livrar-se da menina, a velha lembrou-se de uns quantos lugarejos inóspitos na serra onde a poderia largar, sem que ninguém desse com ela. E assim engendrou um plano que, na sua tolice, lhe parecia infalível.

— Já sei onde a deixar. Ninguém vai dar com ela.

Alheia à tragédia que se urdia para lhe traçar o destino, a menina berava como qualquer recém-chegado a este mundo. Donzília do Albino sabia ser preciso calar aquele choro estridente, pois, ainda que fosse hora de o povo andar no campo, não tardaria até que alguém por ali passasse e ouvisse.

— Dá-lhe de mamar que ela acalma — instruiu. — Assim que sossegar, saio com ela.

Piedade obedeceu e, com repulsa, pegou na criança renegada, ajeitando-a

no colo. Em menos de nada, a bebé colou-se ao peito e calou-se. O olhar de Piedade ficou enlaçado na pequenita aninhada nos seus braços, que, ensanguentada e envolta em trapos, mamava com a ânsia de quem luta pela vida. Nos meses em que lhe esboçara um destino negro, havia esquecido como o instinto maternal lhe devolvera o tino, quando os seus outros filhos eram tão indefesos quanto a criança que agora segurava.

E então, o inesperado aconteceu: Piedade teve pena. E bastou esse instante de sobriedade para sentir vergonha de si mesma, e nojo dos seus planos assassinos. De repente, não se viu mais capaz de abandonar a criança à morte, embora também não conseguisse ficar com ela. Assim que amamentou, levantou-se a muito custo, apanhou um cesto de um dos cantos da casa e nele acomodou a criança, da melhor forma que conseguiu.

— Leve-a para longe, até à Espiunca, e deixe-a ficar por lá para alguém a encontrar e tratar dela. — Era agora a vez de Piedade instruir a tia.

— E se depois descobrem de quem é? — indagou a velha, com medo de ser apanhada pela guarda.

— Ninguém sabe que é minha, por isso não vão dar connosco. Agora vá, para ter tempo de lá chegar, antes que ela chore outra vez.

O plano parecia arriscado, e a velha, pouco convencida, ainda argumentou sobre os seus perigos, mas Piedade mostrou-se firme.

— Que o Diabo aqui volte e venha viver para esta casa se a tia não fizer o que lhe peço!

A velha era tola, mas sabia que com certas coisas não se brincava. Não tinha lugar na sua casa para um hóspede daqueles; já lhe bastava a aflição das dores de ossos que todas as manhãs a atacava. Não voltou, por isso, a abrir a boca e fez como Piedade lhe pedira: saiu calada e atravessou a aldeia sem se deter com o que quer que fosse, indo serra abaixo a passo acelerado, encoberta pela vegetação, carregando o berço improvisado com a sua preciosa carga. Seguiu diligente e só abrandou a passada ao fim de algumas horas, cansada e já com Arouca atrás de si. Depois de tanto cismar com a fome da menina, e de tão intenso esforço a carregá-la no cesto, sentiu um vazio nas entranhas.

Vou parar no próximo tasco que encontrar e comer uma bucha, pensou. Deixo o cesto à porta e ninguém desconfia que aqui levo gente.

Assim fez, mas não tinha ainda chegado ao balcão e já a menina choringava. A velha cometera um erro denunciador, esquecendo-se de que a criança poderia estranhar a paragem abrupta no embalo da viagem.

— Ó mulher, o que é que você leva ali no cesto? — questionou uma voz arranhada vinda do outro lado do balcão, antes mesmo de a velha ter tempo de pedir qualquer coisa.

— Levo um cãozinho.

— Ai leva? — retomou o tasqueiro, ríspido e desconfiado. — Então mostre cá!

A velha hesitou, mas o homem e a sua clientela precipitaram-se sobre o cesto, e logo choveram injúrias e um ou outro sopapo.

— Alto! — gritou alguém para os beberões decididos a servir a justiça com as próprias mãos. — Chama-se a guarda!

Os ânimos serenaram, já que por aquelas bandas todos sabiam como as coisas afinavam quando a guarda aparecia. O tasqueiro lançou então mão à velha e fechou-a numa arrecadação até a guarda chegar de Arouca, enquanto a clientela cambaleante procurava nas redondezas uma moça que estivesse a amamentar, para que pudesse saciar a fome à pequena criatura. Longe dali, Piedade descansava em casa, aliviada por se livrar da sua barriga, alheia ao rumo que o destino lhe traçava. Sem descanso ficou Donzília do Albino, que, depois de levada pela guarda para os calabouços em Arouca, foi obrigada a relatar vezes sem conta como tudo se tinha passado, desde a entrada do Diabo na casa da sobrinha até ser apanhada com a menina no cesto.

Incrédulos, os guardas ouviram a velha lunática durante horas e, à falta de melhor justificação, tiveram de aceitar o inconcebível depoimento.

— Já percebi! — disse finalmente o sargento, orgulhoso da sua excelente intuição. — É óbvio que não foi a velha a parir a criança. Foi a tal de Piedade, que também tem culpas nisto. Ide a Cabreiros buscá-la! — ordenou aos seus homens. — Ela também vai para o calabouço com a velha. E procurem algum familiar que possa ficar com a catraia.

A má notícia chegou a Cabreiros e a Candal muito antes da guarda, como sempre acontecia nas serras. Não foi grande novidade para as gentes sabidas da aldeia, mas foi grande o espanto pela inexplicável capacidade de a tola conseguir encobrir a sua gravidez tão habilmente. Quando a guarda finalmente lá chegou, já uma multidão cercava a casa de Piedade, gritando insultos. Para o povo acostumado à dureza da vida nas serras, o abandono de uma criança era um pecado grave, mas ainda pior era terem sido enganados por duas tolas. Isso, sim, era uma ofensa imperdoável.

Piedade não fez caso de mais essa afronta, de tão habituada que estava a ser alvo de olhares acusatórios e de palavras de crítica. A sua mãe, por outro lado, não ficou indiferente à opinião da populaça. Não lhe bastava a vergonha da tolice da filha, teria ainda de aguentar o escândalo de a ver abandonar a sua neta, insulto agravado pela ajuda da irmã do seu falecido marido. Ao saber o que a filha tinha feito, Clementina Imaculada jurou nunca mais lhe dirigir a palavra. Numa caminhada feita aos soluços e lamentos até Arouca

para resgatar a neta, foi escoltada em silêncio pela guarda, lado a lado com Piedade, com quem nem sequer cruzou o olhar. O seu coração sofreria ainda mais ao saber que a filha e a cunhada voltariam a casa uns dias depois, já que ninguém sabia do que as acusar.

Mafalda regressou a Cabreiros no mesmo dia, para casa da avó, de onde só sairia para casar. A vida estava ainda a começar, mas a sina já estava traçada para a pobre menina do cesto.

A LOUCURA DAS SERRAS

Cumprindo os ensinamentos do seu bisavô, José Alves do Pedro abriu a janela da sala e deixou a história de Piedade dissipar juntamente com o fumo que emanava da pequena lareira. O ar gelado da serra logo invadiu o aposento, trazendo de volta o presente, o dia em que a menina do cesto foi a enterrar. As águas do tempo haviam sido agitadas. Tivesse tudo acontecido uma outra vez, ou não passasse de uma ilusão, todos naquela sala se sentiam entorpecidos, como que regressados de uma longa viagem. Embriagados pelo fumo, de olhar preso no vazio para lá do embalado das chamas, e com a cabeça em devaneios à volta daquele reconto, tinham no rosto estampado o pasmo pela estranha sorte de Mafalda.

— Essa senhora que morreu hoje ficou sempre com a avó? — A curiosidade inocente do pequeno Serafim, sobrinho de Custódio, despertou os restantes daquele torpor.

— Sim, até casar — confirmou José Alves do Pedro.

— E que é feito da tola? — continuou o pequeno.

— Não se sabe ao certo, desapareceu. Acho que foi embora por causa da vergonha — respondeu-lhe o pai.

— Foi para o Brasil ter com os filhos — esclareceu Maria.

— Acho que os filhos tiveram pena e quiseram que ela fosse para lá — sugeriu José Alves do Pedro. — Depois de a tia fugir para os lados de Malfeitoso, a mulher tola não se governava sozinha. Mas a Maria é que sabe, porque falava com um primo casado com a filha dela, que estava com o pai no Brasil.

Aquela era uma aritmética genealógica demasiado complexa para a cabeça do pequeno Serafim e dos primos, tão ingénuos quanto ele. Como tudo na vida de Piedade, também a sua ida para o Brasil não era desprovida de contornos insólitos. Por muito que tivessem insistido com ela, resistira durante anos à ideia de ir para lá ter com os filhos e o marido, João do Mira. Acabou por ser a filha a mudar-lhe o destino, pois sofria da doença crónica das distâncias e chorava pela mãe que não via fazia anos. João do Mira, ouvindo o pranto da filha por dias a fio debaixo do intenso sol dos trópicos, fez uma derradeira tentativa de chamar a mulher para o Brasil, mal soube da sua vergonha em Cabreiros.

— Lá a convenceram com uma carta a dizer que a filha estava às portas da morte com o mal das saudades — atestou Maria. — Ela foi para o Brasil, mas para casa do filho. Passava os dias sentada num canto da casa. O marido não a quis mais; cada vez que lá ia, ficava a olhar para ela de lado e nunca mais lhe falou. Coitado, tinha o desgosto de a mulher lhe ter metido os cornos com o bruxo.

— Mas então porque é que o marido quis que ela para lá fosse? Mais valia tê-la deixado por cá — observou Custódia.

— Por causa da filha que não se calava... — atirou José Alves do Pedro, com desdém.

Os desatinos de Piedade acabaram por fazer esquecer, por momentos, o cruel destino da sua filha Mafalda. Quando chegou a hora de abandonar o minguado calor da sala e recolher ao frio dos quartos, já o pensamento dos presentes estava na manhã seguinte, e no muito que havia para fazer antes da habitual missa de domingo.

Para Custódio e Maria, o sono teimou em chegar nessa noite; deitados nas suas camas, tinham ambos o pensamento aprisionado no espaço frio e escuro que guardava o corpo da menina do cesto. O coração de Custódio, assombrado pela culpa antiga da morte da mãe ao vê-lo nascer, ardia também de raiva contra os que negaram a hipótese de vida a Mafalda. A sua mãe morrera por não haver ajuda que lhe valesse, mas não Mafalda. Se alguém no posto médico da Companhia Mineira tivesse vindo a Cabreiros, talvez ainda estivesse viva e com a sua criança nos braços. E essa incerteza alimentava o ódio que crescia dentro de si contra os alemães.

Maria debatia-se igualmente com uma tormenta que lhe assolava a alma. Por acreditar que tudo tinha um propósito, lutava para aceitar que a tolice de Piedade e o destino de Mafalda poderiam servir um qualquer desígnio.

Em tempos passados, sempre houvera tolos como Piedade e a sua tia, estivessem eles consumidos por alguma cisma ou doença, ou herdado tamanho infortúnio dos pais. Mas havia agora uma nova loucura que enlaçava o povo, uma insanidade que as pessoas abraçavam movidas pela ganância, lançando uma maldição sobre si mesmas. A origem de tal desgraça estava escondida no solo, nas pedras negras incrustadas de volfrâmio. Longe de saber que esse desejo trágico marcava o início de uma calamidade que iria alterar o rumo do mundo, Maria rogou a Deus para que se fizesse a Sua vontade.

«Pai Nosso que estais nos Céus, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu.»

E enquanto Maria elevava as palavras ao céu, de lá caíam delicados cristais de neve, cobrindo de desgosto as serras com um manto alvo de pesar.